

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PASSEANDO E ANALYSANDO

II

O nosso carpinteiro, infelizmente, não faz trabalho superior ao pedreiro.

Se examinarmos o madeiramento d'uma casa, vamos encontrar forças mal combinadas e desen-

A divisão das peças da casa também não tem tamanho sufficiente: um quarto de dormir não deve ter menos de 80 a 100 metros cubicos, de capacidade.

Se a area de uma casa não permittir ter quartos que meçam 5 metros por lado então ha outros recursos que é o systema de ventilação.

Mais tarde, se a occasião se nos offerecer, mos-



contradas, que dão em resultado forçar as paredes e não estar o telhado com a firmeza de ponto preciso.

Encontramos também os tabiques, muitas vezes, sustentados por simples barrotes do soalho, advindo d'abi vaga no nivelamento do mesmo soalho, desaprumo para as portas que existam em tabiques assim sustentados e perigo de cair o soalho e parte interior das casas: porque os madeiramentos que prendam com estes tabiques desabam necessariamente faltando-lhe o fragil apoio de um barrote.

traremos a necessidade da capacidade acima dita e o que é ventilação e tiragem de chaminés, onde também tantos defeitos se notam, e provaremos a nossa competencia, visto que já alguém nolla duvidou.

A nosso ver ha dous motivos que dão occasião a estes maus trabalhos: um, qualquer *esfola taboas* arvorar bandeira de mestre quando nem bem conhece os nomes de toda a ferramenta de que se serve, e outro, os proprietarios darem a preferencia a quem mais *mate* em trabalho, illudindo-se

pela phantastica *vantagem* de lhe ficar mais barato, quando é precisamente o contrario, como o poderia muito bem provar em todas as artes e industrias.

O caleador vem ainda rematar o *bem* trabalho.

Principia por *queimar* a cal na vespera do dia em que tem de servir-se d'ella e dá em resultado rebentarem as paredes, isto porque a cal não levou a quantidade d'agua sufficiente para que o *carbonato de calcium* se dilatasse ao maximum. E' esta uma operação chimica em que devia presidir um, pelo menos, aproximado conhecimento da materia-que se manipula, para se ser consciente dos resultados bons ou maus do trabalho. Isto infelizmente é letra morta. O ser artista ou industrial não é saber como se pega em uma plaina ou n'um broquel; é tambem conhecer a natureza e composição dos materiaes de que tem de fazer uso para o seu trabalho.

O ser-se chimico não consiste em saber que este ou aquelle sal produz sobre outro esta ou aquella reacção ou este ou aquelle precipitado, esta ou aquella cor; ao phisico não lhe basta conhecer os apparelhos necessarios a esta sciencia; precisa aquelle conhecer sua natureza, sua formula e sua razão e este suas forças, seus phenomenos e suas leis.

Assim ao artista ou industrial não lhe basta, na nossa opinião, saber applicar os materiaes, é preciso conhecer-lhes suas forças, suas propriedades phisico-chimicas, embora rudimentarmente e sua verdadeira applicação em harmonia com sua natureza e logar e condições onde tenham de servir os mesmos materiaes.

Por hoje ficaremos por aqui, porém proseguiremos na nossa tarefa.

EXCENTRICO.

RAMALHO ORTIGÃO

(Um cavaco)

Esteve em Barcellos, na semana passada, um dos *marechas* da litteratura portugueza—Ramalho Ortigão.

Critico de primeira plana, manifesta no seu estylo elegante o seu entranhado enthusiasmo por tudo o que é bom e genuinamente portuguez, haja em vista o seu ultimo livro o «Culto da Arte em Portugal».

Impõe-se como um *são* a todos os litteratos *amicos*, da *moda*.

No Hotel Roriz onde nos dirigimos, em companhia do nosso amigo João Carlos, entretivemos com s. ex.^a um *cavaco*, que achamos aproveitavel em letra redonda:

Nós: Soubemos que v. ex.^a foi á Afurada...

Ramalho: E' um pento formosissimo.

N.: Andam á dezenas de annos os verzejadores e os prosadores a aclamar o rio Lima como o mais bello de todos os seus congeneres do paiz e não vemos motivo para tal: as suas margens de

Vianna a Ponte, as mais *alvejadas*, são *ininteruptamente* no mesmo tom...

R.: Muito superior em belleza de margens é o rio Minho.

N.: ...O Cavado nasce n'uma serra agrestissima; depois de passeiar por entre urze espessa e se esconder em penedia irregular, aqui e acolá, atravessa pequenos scutos, dilatadas devezas, estensos pinhaes, interminaveis campinas e na Penida, como viu, parece esganado; d'ahi por diante sempre variado, sempre pittoresco, vae até á Barea do Lago onde desafoga n'uma amplabacia, para d'ahi a minutos arrojear a *crystalinidade* das suas aguas no Oceano. ¿V. ex.^a viu o convento de Villar de Frades?

R.: Achei curiosissimos os seus azulejos por n'elles estar indicado o nome do fabricante e desenhador. Uma parte do mosteiro é de edificação mais antiga do que as restantes.

N.: Reputam grande valor a uns quadros que ha na sacristia... (Encolheu os hombros em signal negativo). Tivemos pena que v. ex.^a não visse o nosso mercado semanal, n'elle poderia, a vontade, estudar as nossas pequenas industrias, que são curiosissimas. A louça é a predominante...

R.: São dignos de reparo uns paliteiros da louça de Gallegos que têm duas faças rodeadas de avesinhas, e um apito no sopé. Além de serem relativamente bemfeitos, são caracteristicos de Barcellos. Em Villar vi um chafariz com verosimilhança...

N.: Já em tempo uma Camara o quiz trazer para esta villa.

R.: E' uma bella peça d'arte! As malgas de Gallegos têm desenhos eguaes a uns que vi em identicos exemplares da Hungria.

N.: ¿V. ex.^a retira hoje? (Respondeu-nos affirmativamente). Ha um pulpito artistico, elegante, na egreja das Freiras (indicamos onde ella estava situada) que tem sido muito apreciado.

R.: ¿Que estylo?..

N.: Renascença de mistura, parece-nos, com Luiz XIII. N'esse templo têm sido commettidos muitos desacatados em restaurações. Faz arrepiar os cabellos... Proximo de Barcellos altaneia-se o monte da Franqueira, digno de visita, onde se ergueu o famoso castello de Faria, cuja historia v. ex.^a conhece... Do seu alto disfructa-se um quadro completo da natureza: o mar, o rio, o ribeiro, a serra, o monte, o campo, enfim todo o *colorido exigido*... O Bom Jesus é magestoso, porém a Franqueira é poetica.

R.: O Bom Jesus é triste. Muito pinheiro e muito milho...

N.: No cabeço do mesmo monte ha uma ermida secular. E' celebre por possuir uma meza de finissimo jaspe, que serve de altar, e que foi offerecida a N. Senhora por D. Affonso, 2.^o conde de Barcellos, em memoria da conquista de Ceuta,

d'onde veio, e na qual comia o senhor, vencido (1415). O mais curioso é que a meza está encoberta com taboas de pinho... O livro de v. ex.^a, o «Culto da Arte em Portugal», já deve ter acabado com alguns desacetos...

R.: A conhecida Torre das Cabaças de Santarem não é demolida, e de junto da Torre de Belem (Lisboa) vai ser retirado o Gazometro. Demais... ainda n'outro dia em Ceste se praticou uma irreverencia de Arte com uma capella anti-quissima, tirando-se do estylo primitivo para se pôr mais elegante... (A pequenez do nosso quinzenario não deixa aqui relatar a bella descriptiva que nos fez d'ella).

N.: V. ex.^a achou Barcellos uma terra acceida? Em tempos um visitante illustre disse oque era formosa mas que se cuidava pouco.

R.: Vou bem impressionado. ...No Minho as casas cheiram muito mal... O Alentejo é muito limpo. Villa Real, *con luz electrica*, é uma terra immunda.

N.: É a Regoa?

R.: Não, que essa, então, não tem nada porque se recomende.

N.: Caminha em limpeza é um mimo.

R.: E'.

Depois d'isto fallamos do castello de Curutello, como distincto exemplar medieval, e das modificações que soffreu.

Eram horas do comboio s. ex.^a retirou-se.

A TUNA BARCELLENSE

A nossa primeira pagina apresenta hoje uma gravura phototipica representando em grupo a Tuna Barcelleuse dirigida pelo nosso amigo Domingos Carreira, moço intelligente, bondoso, artista desde o fato até á flauta, que é o seu instrumento favorito. Um musico ás direitas. E musico na musica. Porque ás vezes diz-se—Fulano é musico... o que é o mesmo que dizer-se —é fajardo. Ora com o sr. Carreira não se dá isso. E' musico e é cavalheiro. E é, tambem, um propagandista. Ama deveras a divina arte de Bellini e de Mozart, o tem feito já um grande serviço á mocidade de Barcellos. Com a instituição da Tuna pode até chamar-se-lhe um benemerito. Retirou das tainas muitos rapazes, chamando-os ao convivio da Arte, e assim os entretem n'um passamento agradável e util. Porque a musica allia o util ao agradável.

A nossa gravura foi tirada em Tibães, um dia de passeio agradável e agra labilissimo. Dia de festa inolvidavel. Não se esqueçam os *tunos*:

Que são:

Domingos Carreira, Augusto Cunha, Arnaldo Azevedo, Julio Vallongo, Thomaz d'Aquino, Joaquim Pereira, Avelino Cunha, Augusto Souza-saux, Jayme Vallongo, Antonio d'Oliveira, Joaquim dos Santos, José d'Oliveira, João G. da Silva, e Manuel Esteves.

NOTAS DA QUINZENA

Ha em Barcellos uma grande falta d'agua. E' intuitivo. Falta d'agua é o mesmo que dizer falta de limpeza. Sem agua não se lava a cara, nem as ceroulas, nem as saias brancas,—que ficam pretas; sim, sujas, assim como um varredouro do forno. Em Barcellos é a falta d'agua extraordinaria. O que vale é que ha abundancia de vinho! Abundancia que se manifesta a cada passo em pancadarias de criar bicho, e em borracheiras de cahir pelas calçadas.

Mas, adiante. Isto de fallar em vinho em Barcellos é o mesmo que fallar em corda em casa de enforcado. O sr. João Fernandes, que é camarista, proprietario, boa pessoa, trabalhador e tão trabalhador que já um dia abaixou uma bacca d'uvas com as botas com -que andava calçado, e que, provavelmente, antes das uvas já tinham *baixado* muita... d'aquella substancia que Cambrone recebeu em horas de mau humor, tem tido grande cauceira em abastecer a villa de agua. Mas as minas seccam, os encanamentos estão entupidos, e tudo corre mal. A não apparecer um nariz comprido e afilado que faça limpeza aos canos—fica tudo um *canudo*.

Mas para grandes males grandes remedios. A' porta do sr. Alberto de Jesus, fora da villa, postou-se uma dorna. Alli cae a pinga d'agua que ainda resta, e d'essa pinga, cheia a dorna, se vai abastecendo a villa, aos cantaros! Para alli correm as sopeiras, de cantaro na mão, e la o mettem (o cantaro) até ficar todo pingado, sem ser gato dito... Parece um paiz de liliputianos. Uma villa abastecer-se d'agua d'uma dorna é o mesmo que metterem dentro da gaiola d'um canario... o mar da *Poiva!*...

Mas se falta agua abundam officiaes da tropa. Porque em Barcellos ha tropa. E não é qualquer tropa, é *officialada*. Não somos nós que o dizemos. E' a estatistica que falla:

Officiaes . . .	14
Sargentos . . .	12 — (sendo $\frac{4}{1}$ 1. ^{os})
Cabos . . .	74 — (" 2 2. ^{os})
Soldados . . .	22
Corneteiros . . .	7

Pelo que se vê, ha tantos officiaes (superiores e inferiores) como soldados e corneteiros. De forma que para cada *galão* ha um soldado ou um corneteiro... Sendo certo que, pelo costume, cada corneteiro chega para tres sargentos ainda que finos. (Isto de *finura* tanto pode ser no cerebro como nas gambias).

E adiante, que é preciso accender luzes.

A boa qualidade do vinho novo manifesta-se por ahi a cada passo, e não raro o dia em que ha um episodio interessante.

O azeiteiro Seraphim e o lanterneiro Zé Na-

biça foram ao Bellinho, ali em frente do quartel, para beber a sua pinga. A Bellinha (mulher do Bellinho) emquanto perecebu cobres aos freguezes ninguem mais prompto que ella em os servir, mas quando os viu *depennados* nega-lhes quartilho e meio dizendo não fiava. O Nabiça que já não sabia bem onde estava pouco se importou com a falta de credito que na sua parte lhe era attribuida, mas o Seraphim, como negociante, aquillo ia-lhe affectar muito a sua conhecida reputação de serio e honrado.

Enfureceu-se contra a tasqueira e depois do grande questão diz-lhe:

—«Eu vou buscar dinheiro capaz de a comprar a você e todos os seus, e tu, Nabiça, ficas ahí até su vir».

E o Nabiça, em contraposição á louçania verdadeante das suas homonymas tão airosas n'este tempo, parecia uma velha folha de couve, já amarellecida, ficava em refens esperando o salvador do seu credito. Tão depressa como o diabo esfrega um olho chega-se ao Neiva, a quem conta a historia e diz-lhe:

—«Empreste-me uma nota de cinco mil reis, e não lhe peça favores; e quero-a inteira».

—«Se queres o dinheiro para o quartilho e meio empresto-t'o...»

—«Não senhor: quero-a inteira... E' porque está preso o Nabiça, e preso por quartilho e meio, e na prisão de baixo. Eu bem dizia á tasqueira que tinha um burro mas ella disse-me que podia fugir a cavallo n'elle»

Arranjado o dinheiro lá foi soltar, o Nabiça. N'essa occasião beberam de novo. De regresso a casa do Neiva *attestaram* mais os *tampos*. O Seraphim em ar de gracejo perguntou:

—«¿Tambem aqui ficavei preso? Preso um homem por quartilho e meio?»

Alguns *mirones* que tinham gosado toda esta bambochata dirigiam-lhe ditos d'*espírito* como este:

—«Lá vem o negro e o Mousinho».

O Nabiça, deixando escorrer uns fios de baba pelos cantos da bocca, dizia:

—«Eu já não queria *buber* mais e tanto que para lhe fazer a vontade metti os dedos á bocca e por cinco vezes *esgumitei*».

Rua e Reis são dois cocheiros da Alheira, donos d'uns calhambeques, que por milagre divino não se despedaçam por essas estradas fora, macias como tojos, e planas como o mar agitado.

Estacionavam ambos á Pedra do Couto; e ao Rua dirigiu-se um grupo de pessoas ajustando a sua passagem para a Apulia. Feito o contracto, ha apenas a demora precisa para os cavallos comerem alguma palha. O Reis, que ouviu toda a conversa, seguiu com o seu carro atraz do do Rua, mas em certo ponto volta caladamente para

a Pedra do Couto, e diz aos passageiros—O Rua não pode vir fazer o serviço e venho eu, a pedido d'elle, para o fazer.—

Qualquer simples mortal acreditava esta intrujice, e assim encalhambequou-se toda aquella tropa e lá vão na grande pandega para o mar. O Rua chega á estação de partida, e é informado do logro do Reis. Um raio de vingança atravessou-lhe rapidamente o bestunto, e tanto quanto os burros podem correr vae no encalço do Reis, encontrando-o nas Necessidades, onde se virou a elle com toda a gana dando-lhe quatro cachações valentes e bem applicados.

Um desforço que nada valeu ao Rua a não ser o abrandamento dos seus furiosos rancores, porque estafeu os burros e perdeu o frete.

Ao Compra, velho amigo,
Tambem vou mimozear
Com uma charada novissima,
Que lhe está mesmo a calhar.

Lá vae ella, pontaria,
Dê-lhe lá por onde dêr:

*E' a femea do chinello
Usada pela mulher...*

—«*P'ra que porta você vem...
Eu n'isso sou um portento:
E' letra com sacavlor
A juro de vinte por cento.*»

A meza da Ordem Terceira de S. Francisco, cujas urnas são bem conhecidas de todos, arranjou, á falta de melhor assumpto ou cousa grande em que occupe a sua actividade, uma questão para seu divertimento. Uns querem que o servo, quando fôr em serviço da confraria, toque, como até agora se usou, a tradicional campainha, outros que se dizem levados nas azas da moderna civilisação opinam que não. Eis o pomo da discordia. Como vêm, a questão é muito simples, badalo e nada mais.

Badalo, sim!
Badalo, não!
Toque, não toque
O sachristão...

E este vira-se para uns e volta-se para outros sem saber a quem deve obedecer porque todos mandam e todos querem ser obedecidos.

A todas as pessoas a quem interessar mais ou menos o resultado d'esta contenda pedimos para enviar á redacção da «Lagrima» as suas respostas, para livrar a Meza dos apuros em que se vê, terminando-lhe a rixa accessa que a estonteia.

Responsavel:—João Gonçalves da Silva.